

**CONFLITOS, TENSÕES E AS CONDIÇÕES DE SOBREVIVÊNCIA COTIDIANA NA
CAPITAL BAIANA ENTRE OS ANOS DE 1940 E 1960**

**CONFLICTS, TENSIONS AND THE CONDITIONS OF DAILY SURVIVAL IN THE
CAPITAL OF BAHIA BETWEEN THE 1940S AND 1960S**

**CONFLICTOS, TENSIONES Y CONDICIONES DE SUPERVIVENCIA COTIDIANA EN LA
CAPITAL DE BAHÍA ENTRE LAS DÉCADAS DE 1940 Y 1960**



10.56238/revgeov16n5-036

Wanderson B. de Souza

Mestre em História Regional e Local

Instituição: Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

RESUMO

Esta pesquisa, analisa o espaço do cotidiano dos homens negros e pobres de Salvador, refletindo sobre as ligações das práticas de violências com as tensões cotidianas vivenciadas por esses sujeitos. As formas de convívio e sobrevivência diária, dos indivíduos aqui analisados, revelam a complexidade do universo social ocupado pelos mesmos, cuja multiplicidade de situações conflituosas ilustrava a dinâmica cotidiana de suas vidas. Essa violência se manifestava nas suas múltiplas possibilidades e maneiras. O desafio será atentar para os indícios dos valores e das formas de sociabilidades presentes nos percursos dessas pessoas, bem como entender quais as ligações históricas daquelas formas de violência com o universo social da capital baiana do referido contexto.

Palavras-chave: Cotidiano. Conflitos. Sociabilidade. Violência.

ABSTRACT

This research analyzes the everyday lives of poor Black men in Salvador, reflecting on the connections between violent practices and the daily tensions these individuals experience. The ways in which these individuals coexist and survive reveal the complexity of their social universe, whose multiplicity of conflicting situations illustrated the daily dynamics of their lives. This violence manifested itself in its many forms and possibilities. The challenge will be to examine the evidence of the values and forms of sociability present in these individuals' trajectories, as well as to understand the historical connections between these forms of violence and the social universe of the Bahian capital in this context.

Keywords: Daily Life. Conflicts. Sociability. Violence.

RESUMEN

Esta investigación analiza la vida cotidiana de hombres negros pobres en Salvador, reflexionando sobre las conexiones entre las prácticas violentas y las tensiones cotidianas que experimentan. Las formas en que estos individuos coexisten y sobreviven revelan la complejidad de su universo social, cuya multiplicidad de situaciones conflictivas ilustra la dinámica cotidiana de sus vidas. Esta violencia se manifestó en sus múltiples formas y posibilidades. El reto será examinar la evidencia de los valores y



formas de sociabilidade presentes en las trayectorias de estos individuos, así como comprender las conexiones históricas entre estas formas de violencia y el universo social de la capital bahiana en este contexto.

Palabras clave: Vida Cotidiana. Conflictos. Sociabilidade. Violencia.



1 INTRODUÇÃO

A cidade de quem passa sem entrar é uma; é outra para quem é aprisionado e não sai mais dali; uma é a cidade à qual se chega pela primeira vez, outra é a que se abandona para nunca mais retornar; cada uma merece um nome diferente [...].

Ítalo Calvino, *As cidades invisíveis*.¹

Ao longo desse trabalho, refletiremos sobre o processo de transformações vivenciado na capital baiana entre os anos de 1940 e 1960, mostrando as possíveis ligações das práticas de homicídios com as tensões cotidianas vivenciadas pelos sujeitos desse contexto. Mostraremos, portanto, que para esses sujeitos a violência manifestada através de ações cotidianas de disputas se tornou uma das poucas alternativas de sobrevivência em meio às dificuldades vividas. Essas ações violentas refletiam outro tipo de violência muito comum naquele universo, a que os negava o exercício de suas cidadanias. Violentar os direitos básicos de pessoas simples estava na estrutura das políticas administrativas de gerenciamento da *polis* em questão.

Recorremos à utilização das fontes jornalísticas como possibilidade de perceber a dinâmica social da capital baiana daquele período, mais especificamente, a três dos periódicos que circulavam naquele contexto: *A Tarde*, *Diário de Notícias* e o *Jornal da Bahia*. A partir da leitura da produção jornalística dessa imprensa baiana foi possível identificar o papel que ela desempenhou no processo de mediação dos conflitos e tensões criadas e vividas no âmbito das relações sociais dos soteropolitanos.

Utilizamos também, processos criminais, no sentido de perceber como o discurso oficial que primava pela suposta “ordem pública” compreendia essa realidade. Neste caso, devemos ressaltar que, geralmente, essa documentação pode traduzir, antes de tudo, uma imagem que se queria transmitir da relação desses sujeitos com o ordenamento público e com os ideais do modelo de segurança em vigor.

Minhas reflexões sobre os valores como masculinidade, honra, honestidade, família, amizade e relações amorosas, em muitos episódios conflituosos na capital baiana, apontavam que estes valores, de certa forma, foram mais expressivos que a dimensão material e/ou econômica no sentido de impulsionar as relações conflituosas. No entanto, destacaremos aqui as implicações das péssimas condições socioeconômicas em que essas pessoas se encontravam, uma vez que, em alguns casos, esses foram elementos importantes ou mesmo decisivos em algumas das situações de disputas pela sobrevivência entre esses sujeitos.

2 A CIDADE E OS SEUS PROBLEMAS

A modernização da fisionomia urbana da capital baiana, de certa forma, alavancou um conjunto de mudanças no tocante às formas de convívio entre seus habitantes, os quais vivenciaram a transição

¹ CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003, p. 119.



de espaços com aspectos rurais para uma urbanização paulatina de alguns bairros, e às vezes reformas nesses locais. Na época, essas transformações ocorridas eram compreendidas por muitos, como sendo uma reforma radical nos serviços oferecidos, bem como na sua fisionomia urbana, ambos necessários a um projeto mais amplo de modernização liberal.²

Em tom de exaltação e elogio, o jornal *A Tarde*, de Outubro de 1940, publicou algumas matérias através das quais apresentava o programa de obras da Prefeitura de Salvador, cujo programa, buscava tornar “aos poucos a velha capital bahiana numa cidade moderna, de ruas largas e bem pavimentadas”.³ Entre as modificações apontadas estavam: alargamento e asfaltamentos de ruas, construções de muros de sustentação, canalização de águas pluviais, pavimentação de paralelepípedos e passeios, construção de viadutos, dentre outros serviços mais.⁴

Crescia assim as expectativas de que estava a capital baiana entrando nos rumos do progresso moderno, como destacou um dos periódicos.⁵ Tanto a Prefeitura local, quanto o Governo do Estado realizaram grandes esforços em impulsionar as remodelações urbanas da capital, mas as transformações almejadas pelas autoridades administrativas não era uma tarefa fácil. Em síntese, para serem efetivadas essas transformações que tanto se pretendia, faltava “[...] unidade de vistas e de ação, não há um plano de urbanização para esta cidade, não há uma orientação técnica aplicada às realizações construtoras”.⁶ Em tom de crítica às ações do governo estadual, um dos periódicos apontou que as obras previstas no Plano Diretor, coordenado pelo prefeito, além de necessárias, seriam inadiáveis,⁷ uma vez que o mesmo estava “[...] trabalhado pelo progresso da nossa Capital e se revela um grande e honesto administrador”.⁸

Alguns problemas já eram bem conhecidos pela população de Salvador, e não se tinha uma resolução eficaz, como, por exemplo, falta de alimento, saneamento, moradia, segurança pública, transporte, dentre outros, continuaram limitando o exercício da cidadania da maioria dos soteropolitanos daquele período.⁹ Identificamos constantes queixas registradas pelos leitores dos jornais contra essa situação, dirigidas aos poderes públicos sobre o abandono no qual se encontravam alguns locais da cidade.¹⁰

² DANTAS NETO, P. F. **Tradição, autocracia e carisma**: a política de Antonio Carlos Magalhães na modernização da Bahia (1954-1974). Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006, p. 35.

³ “Uma velha cidade que se moderniza”. *A Tarde*. Salvador, 19 out. 1940, p. 2.

⁴ “Preservará a tradição das irreverências do progresso: assinado ontem, o contrato, para a urbanização da cidade”. *Diário de Notícias*. Salvador, 4 de nov. de 1942, p. 8.

⁵ “Moderniza-se a velha cidade do Salvador”. *A Tarde*. Salvador, 28 de nov. de 1940, p. 8.

⁶ “Remodelações urbanas”. *Diário de Notícias*. Salvador, 8 de ago. de 1941, p. 2.

⁷ “Praças e jardins de Itapagipe: a Ribeira, inteiramente remodelada, vai ser entregue ao gozo publico”. *Diário de Notícias*. Salvador, 4 de nov. de 1942, p. 8.

⁸ “A Prefeitura da Capital Integrada ao Estado Nacional: o Prefeito Neves da Rocha realiza uma obra de notável civilização e progresso”. *Diário de Notícias*. Salvador, 10 de nov. de 1942, p. 2.

⁹ UZÊDA, J. A. **O Aguaceiro da modernidade na cidade do Salvador (1935-1945)**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006, p. 67.

¹⁰ “Solicitações melhoramentos para o Cabula”. *Diário de Notícias*. Salvador, 12 de mar. de 1954, p. 8.



A falta de água encanada era um dos problemas mais graves e constantes na capital baiana, especialmente nos bairros menos privilegiados, onde as implicações eram também mais graves.¹¹ E com o aumento da população soteropolitana, surgiu a necessidade de ampliação do perímetro urbano, quando novos bairros e avenidas passaram a fazer parte do novo dinamismo da *pólis*,¹² e, posteriormente, fez surgir novos problemas, a exemplo da coleta de lixo inadequada,¹³ quando não, insuficiente diante da real demanda.¹⁴

Segundo consta, inconformada com esse problema, a população chegou ao ponto de “[...] queimar o lixo em plena rua, uma vez que, se permanecesse a espera de viaturas da prefeitura, certamente suas ruas seriam encobertas por ele e asfixiados todos os seus moradores, porquanto, evidentemente, a cada dia mais se agrava a situação”.¹⁵ Em meio a todas as dificuldades geradas pelos muitos problemas que enfrentavam, a falta de uma coleta regular e suficiente, do lixo produzido pelos soteropolitanos, acabou ocasionando um grave conflito envolvendo vizinhos, do qual resultou na morte de um deles.¹⁶

O episódio envolvendo dois vizinhos em conflito é ilustrativo para pensarmos como os problemas de ordem administrativa implicavam nas relações cotidianas dos moradores da capital baiana, sobretudo aqueles que estamos analisando. Sandra Juthay Pesavento ressalta que “[...] a questão social aparece como um problema posto pelo desenvolvimento das cidades, e uma das formas do seu enfrentamento é o deflagrar da construção da cidadania”.¹⁷

O crescimento demográfico da capital baiana foi rápido, ocasionando o inchaço urbano, assim como fez surgir um conjunto de problemas para os habitantes locais.¹⁸ Esse crescimento deve ter gerado suas implicações nas insuficientes oportunidades de emprego para a maioria de seus habitantes, os quais encontravam dificuldades de sobrevivência nessa sociedade que se reestabelecia. Talvez, a partir de uma reflexão sobre o conflito entre Aniceto Feliciano das Neves, 34 anos, ajudante de pedreiro, mestiço, solteiro, residente à Roça da Julinha e José do Espírito Santo, 36 anos, pedreiro-estucador, preto, solteiro, residente na Rua de São Pedro, alfabetizado, possamos dimensionar essas dificuldades de emprego vivenciadas na capital baiana.

O conflito se deu no espaço onde Aniceto Neves trabalhava como ajudante de pedreiro, tendo como seu superior José Santo, que era responsável pela obra, na condição de mestre. De acordo com

¹¹ “Grave o problema da falta d’água: o que faz, finalmente, o Serviço de Águas e Esgotos?”. *Diário de Notícias*. Salvador, 18 de mar. de 1954, p. 3.

¹² “Enquanto novas construções se fazem e a cidade se amplia”. *A Tarde*, Salvador, 22 de mar. de 1941, p. 2.

¹³ “Salvador, cidade imunda: das 250 toneladas de lixo apenas 120 são coletadas”. *Jornal da Bahia*. Salvador, 1 de Out. de 1958, p. 5.

¹⁴ “O que a Bahia tem: as ruas sujas”. *Diário de Notícias*. Salvador, 17 de mar. de 1954, p. 3.

¹⁵ “A cidade cada vez mais suja”. *A Tarde*. Salvador, 17 de set. de 1959, p. 16.

¹⁶ “Homicídio na liberdade por causa do lixo: um marinheiro matou com dois tiros um comerciante”. *A Tarde*. Salvador, 30 de mar. de 1959, p. 3; O crime do lixo: depõe na polícia a viúva. *A Tarde*. Salvador, 31 de mar. de 1959, p. 2.

¹⁷ PESAVENTO, S. J.. **Uma Outra Cidade**: o mundo dos excluídos no final do século XIX. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001, pp. 15-6.

¹⁸ “Cabula: bairro abandonado”. *Jornal da Bahia*. Salvador, 15 e 16 de Nov. de 1959, p. 9.



as informações prestadas pelas testemunhas, ao que tudo indica o motivo do desentendimento que resultou na morte de Aniceto Neves se deu devido ao fato deste não ter aceitado ser demitido do trabalho pelo mestre, que antes havia lhe dado um Aviso Prévio.¹⁹ As informações recolhidas ao longo do processo de investigação não apresentam nenhum outro desentendimento entre ambos, e a maioria dos informantes defenderam que o motivo do conflito teria sido a insatisfação da vítima com o fato de ser demitido.

Como podemos perceber, as implicações da insuficiência de emprego podiam levar os grupos subalternizados a disputar entre si uma oportunidade de trabalho, ou até mesmo matar ou morrer por ela, como ocorreu no episódio mencionado acima. Se levarmos em consideração as possíveis dificuldades de sobrevivência que Aniceto Neves passaria sem o seu emprego, talvez possamos entender o motivo pelo qual ele foi levado desesperadamente a agredir seu mestre que, ao reagir às agressões, ocasionou a morte do seu agressor. Foi neste universo de disputas pela sobrevivência que se inseriram alguns dos homicídios aqui estudados.

Os jornais do período constantemente noticiavam casos como esses, preocupando-se principalmente em neles enfatizar o grau de violência, mas não só a violência era assunto dessa imprensa. Outras questões que envolviam a sobrevivência dos soteropolitanos também eram noticiadas, tais como os altos preços dos alimentos que eram vendidos em Salvador, bem como a falta de alguns dos principais gêneros alimentícios como, por exemplo, foi o racionamento de pão em setembro de 1944,²⁰ bem como a importância do tabelamento de preços dos alimentos de primeira necessidade.²¹

Na parte seguinte, pretendemos mostrar o ambiente social da capital baiana, destacando as condições de sobrevivência dos soteropolitanos daquele momento. Pontuaremos como o processo de modernização e suas transformações foram experimentados pelos grupos subalternizados, sobretudo no que diz respeito ao abastecimento alimentar, oferta de emprego e moradia.

3 O LABIRINTO SOCIAL NA SALVADOR REPUBLICANA

Como foi mencionado acima, durante as primeiras décadas do período republicano, a capital baiana enfrentava profundos problemas no tocante à questão do abastecimento de alimentos.²² Em meio a essa realidade, a luta pela sobrevivência naquele período tornava-se cada vez mais difícil, pois havia um cenário de ampliação da procura por trabalho sem que a oferta de emprego seguisse o mesmo ritmo. Somam-se a esses problemas o aumento da inflação que, segundo Carlos Zacarias de Sena

¹⁹ Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB). *Processo-crime*. Núcleo: Tribunal de Justiça. Série: Homicídio, Seção: Judiciária. Estante (Est.) 194, Caixa (Cx.) 36, Documento (doc.) 2. Folhas (ff.) 11-2.

²⁰ “Pão racionado porque falta farinha”. *A Tarde*. Salvador, 16 de set. de 1944, p. 2.

²¹ “Controle de preços”. *A Tarde*. Salvador, 15 de set. de 1944, p. 3.

²² “Na curva delirante dos preços: como a vida encareceu, principalmente na Bahia, em cinco lustros”. *A Tarde*. Salvador, 21 de jul. de 1944, p. 2.



Júnior, associado aos longos anos de exploração e baixa nos salários, gerou uma onda de greves no Brasil, sobretudo no primeiro trimestre de 1945.²³

Paralelamente aos problemas gerados pela falta de empregos, inflação e melhores condições econômicas, destacamos as péssimas condições sanitárias em que se vivia na capital baiana, sobretudo nos espaços considerados periféricos, os quais eram ocupados em sua maioria pelas famílias negras de baixa renda. Para algumas autoridades esses locais eram entendidos como propícios à prática de homicídio, tal como evidencia um relatório apresentado pela Delegacia da Primeira Circunscrição Policial, referente a um assassinato ocorrido em Nova Brasília, zona de Itapoan.

Ao descrever o bairro Nova Brasília, o comissário a compara com a moderna Brasília, a capital do país com suas riquezas. A caracterização dada ao bairro foi a de que este era constituído “de casebres coberto de palha, de fome e necessidade”.²⁴ Segundo a interpretação dessa autoridade, em Nova Brasília, “se justifica[ava] o homicídio, porque não existe[ia] educação, instrução, saúde e demais condições elementares para a vida. Triste contraste [...]”.²⁵ Esse trecho ilustra uma visão determinante e preconceituosa com a qual algumas autoridades compreendiam os espaços ocupados pelos grupos subalternizados. Devemos ressaltar que essa linha interpretativa justificou uma série de intervenções nesses espaços, cuja expressão maior foi a constante vigilância e desconfiança sobre os sujeitos que habitavam nessas localidades, diga-se de passagem, homens negros e pobres.

Diante dessa realidade, um repórter do *Diário de Notícias* saiu às ruas e conversou com os habitantes de Salvador, segundo nos informa o periódico, com o intuito de conhecer a vida deles, qualificada pelo repórter como miserável. Ora, o que de fato buscava era tratar de um problema social, como consta “[...] de alta relevância e que nunca foi cogitado entre nós: o problema da habitação”.²⁶

A questão da habitação no Brasil esteve presente nas preocupações das autoridades administrativas desde o início do período Republicano, quando o país sofreu um conjunto de transformação. Vale frisar que, nesse contexto, a reforma urbana se apresentou com maior ênfase, impondo às cidades um novo modelo de urbanização. A capital baiana aparece entre os exemplos citados por Erivaldo F. Neves, como uma das que passaram por esse processo de modernização. Segundo ele, Salvador, uma das cidades mais conservadoras, aderiu às reformas urbanas, muito comuns nas metrópoles brasileiras, posteriormente. No entanto, ele ressalta que a ampliação e

²³ SENA JÚNIOR, C. Z. de. “Os comunistas e a escalada grevista de 1945-1946 na Bahia”. In: LEAL, M. das G. de A.; MOREIRA, R. N. P.; CASTELLUCCI JÚNIOR, W., (Orgs). **Capítulos de História da Bahia: novos enfoques, novas abordagens**. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2009, p. 183.

²⁴ APEB. *Processo-crime*. Núcleo: Tribunal de Justiça. Série: Homicídio, Seção: Judiciária. Est. 193, Cx. 76, doc. 1. f. 48.

²⁵ Idem.

²⁶ “Onde e como vive a população pobre da cidade: pocilgas imundas e infectas servindo de residência”. *Diário de Notícias*. Salvador, 23 de fev. de 1940, p. 8.



modernização do porto local deram “[...] origem ao Parque das Nações, que a população, mantendo a tradicional toponímia lisbonense da velha capital da América Portuguesa, rebatizou de Comércio”.²⁷

Por outro lado, o editorial do jornal *Diário de Notícias* pontuou algumas características dos hábitos coletivos que outrora existiram e ainda persistiam na cidade, para estranhamento do jornal. O Editor informou alguns hábitos considerados inadequados que ainda persistiam na cidade, a exemplo de se expor roupas para secar nas janelas das casas.²⁸ A matéria ilustra uma prática que era muito comum na cidade, estender as roupas nas janelas das casas após sua lavagem, um hábito que contrastava com o ideal de civilização e progresso daquele período, uma realidade muito comum nos bairros mais pobres.

No fundo, as condições de moradia para a população pobre de Salvador eram de péssima qualidade, em alguns casos, apresentando incompatibilidade do número de pessoas residentes com o tamanho das “Avenidas” (tipo de moradia utilizadas pelas famílias pobres de Salvador). E de acordo com Maria Elisa L. N. da Silva, parte da população local sobrevivia nessa realidade, sem arejamento, sem água encanada suficiente, sem conforto de modo geral.²⁹

As autoridades locais não estavam preocupadas com a qualidade de higiene interna existentes nesses recintos, mas sim com o que esses espaços representavam para a estética da cidade em desenvolvimento. Outra preocupação, não só das autoridades municipais como também da imprensa baiana, era o crescimento numérico dessas “Avenidas” em toda a cidade.³⁰

Para além das péssimas condições de moradias, encontramos indícios da presença de grande quantidade de moradores de rua, refletindo um dos grandes problemas de muitas famílias, a saber, falta de uma moradia própria. Em algumas situações, essa falta de moradia levou pessoas a dividirem a mesma casa, condição que exigia desses sujeitos o fortalecimento diário dos laços de solidariedade entre si, ou, em certos momentos, ao aumento das disputas cotidianas, como foi observado no episódio envolvendo Waldomiro Manuel do Nascimento e José Dionísio.

Segundo consta no processo, Waldomiro Nascimento, 28 anos, ajudante de pedreiro, pardo, solteiro, alfabetizado, residente na Coroa de Água de Meninos, agrediu José Dionísio, 35 anos, negro, solteiro, residente no mesmo local, com um punhal, lhe causando a morte. O motivo da agressão apresentado por Waldomiro foi o de que “[...] não queria mais que a vítima continuasse a morar em sua companhia num ‘barraco’”.³¹

²⁷ NEVES, E. F. **História Regional e Local: Fragmentação e Recomposição da História na Crise da Modernidade**. Salvador: Arcádia; Feira de Santana; UEFS, 2002, p. 14; _____. **Invasões em Salvador: um movimento de conquista do espaço para morar (1946-50)**. Dissertação (Mestrado em História). PUC, São Paulo, 1985. Passim; _____. **Conveniências, Vantagens e Interesses: conflitos na gênese das invasões de terrenos periféricos em Salvador**. In: LEAL, M. das G. de A.; MOREIRA, R. N. P.; CASTELLUCCI JUNIOR, W., (Orgs). Op. Cit.

²⁸ “Olhando a cidade como um estranho”. *Diário de Notícias*. Salvador, 20 de fev. de 1940, p. 8.

²⁹ SILVA, M. E. L. N. da. “O Estado Novo e a ofensiva médica contra a tuberculose”. In: _____. SENA JUNIOR, C. Z. de (Orgs). **O Estado Novo**. as múltiplas faces de uma experiência autoritária. Salvador: EDUNEB, 2008, p. 170.

³⁰ “Onde e como vive a população pobre da cidade”. *Diário de Notícias*. Salvador, 22 de fev. de 1940, p. 8.

³¹ APEB. *Processo-crime*. Núcleo: Tribunal de Justiça. Série: Homicídio, Seção: Judiciária. Est. 193, Cx. 75, doc. 3. ff. 2-



Segundo as informações do réu, este pretendia que a vítima se retirasse do “barraco” onde ambos moravam, pois devido o fato de Waldomiro desejar morar com uma mulher, não ficaria bem caso José Dionísio permanecesse em sua companhia. A fonte não menciona, por exemplo, como era o convívio entre eles, embora algumas testemunhas aleguem não ter conhecimento da existência de conflito entre ambos. O motivo que teria ocasionado o homicídio, segundo os indícios no processo, foi a insatisfação da vítima com o fato de ter que sair do “barraco”. Isso nos faz refletir sobre as implicações da questão da moradia nas relações de convivência e sobrevivências diárias desses sujeitos.

Alguns locais da cidade, quando a noite chegava, se transformavam em “[...] albergue sem teto [...]”, como nos mostra uma reportagem publicada em setembro de 1955, pelo jornal *A Tarde*. Na referida reportagem são apresentadas imagens relativas às pessoas que se encontravam abrigadas e próximas a estabelecimentos comerciais.³² Essa realidade vivida por homens, mulheres e crianças revela o lado mais lastimável das condições humanas dos homens negros e pobres da capital baiana do período. Grande parte da população de Salvador conhecia esse estado de miséria e marginalidade, expressão da mais violenta forma de exclusão social existente na Bahia, e materializada na sua capital daquela época com maior ímpeto.

Já não bastasse o estado de miséria dessas pessoas, elas disputavam entre si esses “albergues sem teto”, como nos informa o periódico. Dormindo “[...] sobre esteiras e trapos velhos, ou mesmo no cimento frio [...]”, essas pessoas buscavam garantir sua sobrevivência, por mais uma noite, em meio a uma sociedade incapaz de solucionar o problema da moradia para as famílias de baixa renda.

Embora a mendicância fosse um problema muito antigo na sociedade baiana, em Salvador especialmente, seu fim estava por vir, pelo menos assim acreditava o jornal *A Tarde*, em novembro de 1950. O governador da época, Otávio Mangabeira, teria realizado alguns serviços públicos no intuito de combater problemas enfrentados na capital do estado, entre os quais o periódico destaca a mendicância existente.³³

As informações contidas na reportagem dão conta dos esforços realizados pelas autoridades administrativas no intuito de combater o que consideravam as “chagas sociais” da cidade de Salvador. Medidas que iam desde a retirada dessas pessoas das ruas da cidade, caso se provasse a veracidade da condição da mendicância, obtida mediante submissão a inquéritos, até medidas visando “[...] impedir a vinda de mendigos para capital”. Essas ações deixam evidente o temor dos governantes e veículos de comunicação de que esses sujeitos maculassem a imagem da capital baiana.

A construção e instalação de albergues noturnos, tal como eram chamados esses abrigos criados pelo governo para servir de dormitório aos moradores de rua, a princípio, poderia ser considerada uma

3.

³² “A cidade adormecida é um grande albergue sem teto”. *A Tarde*. Salvador, 13 de set. de 1944, p. 2.

³³ “Mendicância e outras chagas sociais”. *A Tarde*, sal 8 de nov. de 1950, p. 2.



solução viável para o problema da falta de moradia dessa população, mas o resultado era diferente. As fontes demonstram que a partir do momento em que essas inúmeras pessoas eram confinadas em outros espaços, muitas vezes precários, acabavam por tornar suas condições de vida mais difíceis, uma vez que para esses “albergues noturnos” eram dirigidas pessoas com diversos problemas de saúde, entre os quais algumas doenças infectocontagiosas, como a tuberculose.

O contato entre eles tornava mais fácil contrair doenças, já que as autoridades encontravam grandes dificuldades em manter esses espaços com boas condições de higiene, sem contar que a administração pública dava pouca atenção aos problemas internos ocorridos nesses locais. Os problemas em relação às condições sanitárias e de saúde não se restringiam apenas a esses espaços, pois, de acordo com as evidências apontadas por Maria Elisa L. N. da Silva, tais condições eram precárias. Segundo a autora, “os serviços básicos de abastecimento de água, canalização de dejetos e limpeza pública eram prestados de forma insatisfatória”.³⁴

As considerações de Zélia de Oliveira Gominho, ao analisar o processo de modernização da cidade de Recife, nas décadas de 1930 e 1940, compreendem que a tentativa de restauração da nação brasileira era dimensionada na perspectiva de um organismo doente. Neste caso, foram as principais cidades do país, “em especial as capitais, os espaços a sofrerem as intervenções cirúrgicas, a fim de sanar os males decorrentes da concentração popular no centro urbano.”³⁵ Para ela, a questão social era confundida com a urbana, embora ressalte que, em termos discursivos, a questão social se sobreponha.

As inúmeras dificuldades encontradas nos espaços ocupados como alternativas de sobrevivência direcionavam os grupos subalternizados às disputas entre si. Espaços como “Loca de Pedra”, onde moravam diversas famílias que não tinham condições de residir em locais dignos, como nos informou Maria Dulce de Jesus. Segundo essa moradora, o fato de ter ido residir naquele local se deu devido a seu estado de pobreza e não ter onde morar, por isso decidiu ali estabelecer um lar.³⁶

Maria Jesus era amásia de Pedro, com quem foi morar na “Loca de Pedra”, ambos de condições financeiras muito limitadas. O episódio de conflito no qual este último se envolveu com um dos seus vizinhos, José Leonardo Ferreira, também conhecido por “Pernambuco”, alude aos limites e implicações dos espaços de moradias utilizados por esses sujeitos. Os incômodos, as perturbações, as rivalidades, os conflitos nesses locais eram catalisados pelas extremas dificuldades encontradas diariamente na dinâmica social desses vizinhos.

³⁴ SILVA, M. E. L. N. da. Op. Cit., pp. 169-70.

³⁵ GOMINHO, Z. O. **Veneza Americana x Mucambópolis: o Estado Novo na cidade do Recife** (décadas de 30 e 40). Recife: Cepe, 1998, p. 83.

³⁶ APEB. *Processo-crime*. Tribunal de Justiça. Série: Homicídio, Seção: Judiciária. Est. 194, Cx. 54, doc. 2.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as considerações acima sobre o processo histórico pelo qual passou a capital baiana entre 1940 e 1960, visamos mostrar como as transformações urbanas implicaram na dinâmica social da população local. Buscamos expor como esse conturbado período foi responsável por tornar a vida cotidiana dos soteropolitanos negros e pobres mais árdua.

Nossa intenção foi mostrar as dinâmicas sociais dos habitantes de Salvador e suas várias formas de vivências e sobrevivências em meio ao processo de transformação da cidade e dos costumes locais. De certa forma, expomos um contexto de conflito, no qual se manifestaram várias formas de violações ao exercício da cidadania de determinados sujeitos, assim como ações violentas entre eles, como expressão da reação às péssimas condições sociais vivenciadas. Buscamos, portanto, refletir sobre o contexto social da época aqui estudada, dando um panorama geral das inúmeras questões existentes no universo por nós estudado, destacando aqueles problemas que, de certa forma, acabaram tendo implicações na violência local.



REFERÊNCIAS

DANTAS NETO, P. F. Tradição, autocracia e carisma: a política de Antonio Carlos Magalhães na modernização da Bahia (1954-1974). Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

GOMINHO, Z. O. Veneza Americana x Mucambópolis: o Estado Novo na cidade do Recife (décadas de 30 e 40). Recife: Cepe, 1998.

NEVES, E. F. Conveniências, Vantagens e Interesses: conflitos na gênese das invasões de terrenos periféricos em Salvador. In: LEAL, M. das G. de A.; MOREIRA, R. N. P.; CASTELLUCCI JUNIOR, W., (Orgs). Capítulos de História da Bahia: novos enfoques, novas abordagens. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2009.

NEVES, E. F. História Regional e Local: Fragmentação e Recomposição da História na Crise da Modernidade. Salvador: Arcádia; Feira de Santana; UEFS, 2002.

NEVES, E. F. Invasões em Salvador: um movimento de conquista do espaço para morar (1946-50). Dissertação (Mestrado em História). PUC, São Paulo, 1985.

PESAVENTO, S. J.. Uma Outra Cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

SENA JUNIOR, C. Z. de. Os comunistas e a escalada grevista de 1945-1946 na Bahia. In: LEAL, M. das G. de A.; MOREIRA, R. N. P.; CASTELLUCCI JUNIOR, W., (Orgs). Capítulos de História da Bahia: novos enfoques, novas abordagens. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2009.

PESAVENTO, S. J. Uma Outra Cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

SILVA, M. E. L. N. da. O Estado Novo e a ofensiva médica contra a tuberculose. In: _____; SENA JUNIOR, C. Z. de (Orgs). O Estado Novo. as múltiplas faces de uma experiência autoritária. Salvador: EDUNEB, 2008.

SOUZA, W. B. de. Nos labirintos da criminalidade: práticas de homicídio no cotidiano dos grupos subalternizados em Salvador (1940-1960). Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2010.

SOUZA, W. B. de. Arbitrariedades policiais e a utilização da violência no combate à criminalidade em Salvador (1940 a 1960). Revista História e História, vol. 1, p. 01-20, 2010.

UZÊDA, J. A. O Aguaceiro da modernidade na cidade do Salvador (1935-1945). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

